

SEGURANÇA ALIMENTAR ⁽¹⁾

Cleber Bueno Guerra ⁽²⁾

Até a década de 80, o Governo Federal definia suas políticas públicas e prioridades de investimentos de “cima para baixo”, como na construção das Centrais de Abastecimento (CEASAs), Hortomercados e Mercados dos Produtores, para ficar só em exemplos na área do abastecimento de produtos hortigranjeiros. Na década seguinte, tanto pelo esvaziamento financeiro da União, com a reforma tributária de 1988, quanto pela maior conscientização da sociedade e florescer da cidadania brasileira, estas decisões foram sendo transferidas para os Estados, Municípios e Comunidades.

Esgotado este ciclo de centralização, observa-se, atualmente, a sociedade tentando libertar-se da dependência excessiva da ação política e do protecionismo estatal, procurando valorizar o capital social local. O Estado, portanto, está sendo dispensado da condição de protagonista do processo, restringindo-se à regulamentação das atividades, articulação de parcerias estratégicas e prestação de assessoria técnica. Garantir probidade e transparência administrativa na gestão dos órgãos e dos recursos públicos continua sendo obrigação de qualquer cidadão!!!

Como a segurança alimentar continua não sendo prioridade das administrações públicas, o que se vê, ainda hoje, é uma enorme dificuldade dos Municípios atuarem em parcerias, entre si ou entre as diversas esferas públicas, insistindo em ações pontuais, desarticuladas, paralelas e descontínuas. No Estado do Espírito Santo, por exemplo, a manutenção do atual vínculo da CEASA/ES com a Secretaria de Administração (SEARH) e não ao Sistema da Agricultura (SEAG), constitui verdadeiro “atentado ao bom senso”, com prejuízos incalculáveis para toda a sociedade, especialmente para agricultores e consumidores. Vale ressaltar que a CEASA/ES, embora com os problemas crônicos gerados pela interferência política na sua gestão e mesmo esvaziada pelo atual crescimento das grandes redes de Supermercados ainda terá, por muitos anos, importante papel no suprimento de pequenos e médios varejistas. Por seu turno, a descentralização para a CEASA- SUL, em obras e CEASA- Norte, em projeto, também poderá trazer resultados positivos, desde que observadas as ressalvas acima.

Por último, faz-se necessário por fim à histórica desarticulação entre as Prefeituras da Região da Grande Vitória com do Sistema SEAG e seus órgãos técnicos especializados, (Incaper, Idaf, CEASA/ES). Este estreitamento proposto trará reflexos positivos para um maior equilíbrio entre os mundos rural e urbano; uma maior contribuição na organização das Feiras Livres, através da ligação direta entre agricultores e consumidores; garantia de oferta de produtos agroecológicos e pela implementação de outros programas demandados pelas comunidades, como forma de dar prioridade e um mínimo de continuidade às ações do abastecimento agro-alimentar urbano.

⁽¹⁾ Publicado em A Gazeta, Vitória/ES, 09/10/2001.

⁽²⁾ Eng. Agrônomo e Coordenador de Comercialização do Incaper.

AGRICULTURA FAMILIAR E MERCADOS ⁽¹⁾

Cleber Bueno Guerra ⁽²⁾

A agricultura familiar, historicamente considerada sinônimo de ineficiência e resistência a avanços tecnológicos na produção, enfrenta dificuldades ainda maiores no âmbito da comercialização, quer pela falta de informações e ineficiência gerencial, quer pelo conseqüente baixo poder de barganha dos agricultores. Os seus produtos típicos, praticamente, foram excluídos do mercado de commodities, dominado por produtos padronizados e produzidos em larga escala pela agricultura patronal, cujos preços são definidos por cartéis, a exemplo do café, milho, soja e carne. A falta de organização dos agricultores familiares, a baixa escala de produção, pouco acesso ao crédito e à tecnologia ajudam a explicar este processo de exclusão. Em decorrência disso, a agricultura familiar tem procurado firmar posições na disputa por “nichos” ou segmentos do mercado de produtos diferenciados (naturais, típicos ou orgânicos), como olerícolas, frutas, flores, plantas medicinais, agroindústria artesanal e agroturismo, produzidos em pequena escala e com a mão de obra familiar.